

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA LITERATURA: REPRESENTANDO A DIFERENÇA

Tayza Cristina Nogueira Rossini (UEM)¹

RESUMO: Tradicionalmente, as mulheres foram, nas esferas que abrangem o social, o histórico, o político e o estético, consideradas como inferiores ao sexo masculino. Em virtude da política do patriarcalismo, a mulher foi silenciada, excluída e vitimada por preconceitos e estereótipos lançados em sua imagem ao longo da história. Quando se trata da mulher negra a situação é ainda mais complicada. Se à mulher branca cabia o silenciamento e o subjugamento social, o espaço reservado à mulher negra era muito mais inferiorizado. Com base nesta perspectiva, a literatura de autoria feminina suscita um novo olhar sobre a produção literária produzida desde meados do século passado até os dias de hoje. Vista de forma não valorativa, tanto no campo literário como cultural, a experiência vivida até então pela mulher justifica o surgimento, em meados do século XX, de ações no sentido de conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir a opressão e a marginalização da mulher. Com base no romance *Um defeito de cor* (2011), de Ana Maria Gonçalves, torna-se possível refletir sobre o lugar conferido à produção literária afrodescendente dentro da formação da literatura de autoria feminina brasileira, e, ainda, sobre o modo como se edifica a representação da mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina, representação, *Um defeito de cor*.

ABSTRACT: Traditionally, women were considered as inferior to men in many spheres. Because of patriarchy policy women has been silenced, excluded and victimized by prejudice and stereotypes throughout history. When it comes to black women the situation is even more complicated. If the white women were silenced and subjugated, the space reserved to the black women was much inferior. Based on this perspective, the literature written by women raises a new look at the literature produced since the middle of the last century to the present days. Recognized as non-valuable, the experience lived by women justifies the emergence of actions in the sense of deconstructing the gender oppression and marginalization. Based on the novel *Um defeito de cor* (2011), Ana Maria Gonçalves, it is possible to reflect about the place reserved to the black female writers in the Brazilian female literature and the representation of the black women in literature.

KEY-WORDS: Literature written by women, representation, *Um defeito de cor*.

A consolidação da literatura de autoria feminina, cuja trajetória, timidamente iniciada em meados do século XIX, ganha consistência no transcorrer do século XX, suscita, conforme têm demonstrado muitas pesquisas no âmbito dos estudos de gênero, novas possibilidades, inclui outras perspectivas sociais e amplia a gama das representações literárias tradicionais. É sabido, igualmente, que o cânone literário ocidental, historicamente constituído de obras escritas por homens, brancos e da elite sociocultural, é impregnado de ideologias dominantes, as quais lhe regem os códigos de produção e de representação. Daí não comportar qualquer tipo de produção literária que não corresponda aos modelos propostos pela hegemonia dominante, masculina, branca e

¹ Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Letras (PLE), pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na linha de pesquisa Literatura e Construção de Identidades. Integrante do grupo de pesquisa LAFEB – Literatura de Autoria Feminina Brasileira e do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea. E-mail:tayzarossini@hotmail.com.

de classe alta. A marginalização, repressão e/ou exclusão de determinados grupos sociais, étnicos e sexuais como mulheres, “não brancos” e “membros de segmentos menos favorecidos da pirâmide social” (REIS, 1992, p.73) do universo da Literatura encontra aí sua motivação.

Tradicionalmente, as mulheres foram consideradas como inferiores aos indivíduos do sexo masculino, não só na esfera cultural, mas também na social, histórica e política. Um estado de coisas gerado pela política do patriarcalismo, cuja ênfase estava em questionar a capacidade intelectual da mulher, neutraliza-lhe a cidadania e seu direito de se constituir como sujeito. No campo literário e cultural a experiência feminina sempre vista de forma não valorativa justifica o surgimento, em meados do século XX, de ações no sentido de conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir a opressão e a marginalização da mulher – construída ao longo da história. Isto é o que se chama de *feminismo*, um movimento político, social e filosófico que pregava a igualdade social entre os sexos, com o intento de eliminar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade (BONNICI, 2007, p. 86).

Do mesmo modo, a crítica literária feminista, surgida nos Estados Unidos e na Europa a partir dos anos 1960 e 1970, avança o processo de desconstrução dos padrões literários existentes, calcados em ideologias de gênero. As mulheres, até então silenciadas e marginalizadas, foram impulsionadas a emancipar-se no campo literário e a lançar questionamentos sobre os discursos hegemônicos, desnudando-lhes o modo de funcionamento, desmascarando os processos de naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero e, conseqüentemente, problematizando o cânone literário estabelecido. Contudo, como aponta Lúcia Zolin (2007), essas conquistas obtidas por meio do movimento feminista não garantem a igualdade almejada pelas mulheres entre os sexos, mas, promovem um novo modo de se fazer literatura, a partir da perspectiva da mulher, quase sempre, feminista.

1.1 A REPRESENTAÇÃO COMO PRODUTO CULTURAL

Tendo em vista a noção de *representação* como um dos elementos de grande importância no âmbito dos estudos literários, especialmente nos estudos de gênero, adota-se como objeto de análise o romance *Um defeito de cor* (2011). Nosso objetivo aí é o de perscrutar sobre como as identidades femininas são representadas, subvertendo os modelos até então responsáveis por compor o painel das produções inseridas no cânone

ao longo da história da literatura brasileira. O romance de Gonçalves (2011) propicia a observação no que toca à produção, por ter sido escrito por uma mulher afrodescendente, bem como a representação de uma identidade transgressora e deslocada, destoante das identidades comumente construídas com base no imaginário de ideologias racistas e patriarcais.

Representação é um conceito passível de várias acepções - portanto, polissêmico, abstrato e instável. Etimologicamente, a palavra, de origem latina e oriunda do vocábulo *repraesentare*, designa “tornar presente” ou “apresentar de novo”.

Para Roger Chartier (2011)², o conceito de representação reforça a ideia anteriormente apresentada de, por meio de palavras ou imagens, tornar presente algo que está ausente, sendo a palavra entendida como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é” (CHARTIER, 1990, p.10).

Partilhando do mesmo pensamento, Michel Foucault (2002) e Carlo Ginzburg (2001) concordam que o termo *representação* remete a “semelhança”, “imagem” e “similitude”, de modo que outras representações são possíveis por meio de um padrão primígeno, de um modelo e de uma dada realidade.

Para cumprir a tarefa proposta no presente trabalho, adota-se o conceito de representação atrelado ao conceito de identidade (posteriormente abordado). Lança-se, assim, um olhar sobre a questão da representação que se apresenta intimamente ligado às questões relativas à identidade e diferença³.

Em decorrência da própria representação, a identidade e a diferença passam a existir e ganham um significado. Identidades são estabelecidas, ganham forças e se consolidam no interior de uma dada sociedade, determinando o lugar de posição e de discurso do indivíduo dentro do meio social no qual está inserido, sendo, portanto, subordinadas à relações de poder. Tal característica contribui para a ponderação e compreensão do modo como as identidades e os corpos, em *Um defeito de cor* (2011),

² Palestra *Pouvoirs et limites de la notion de representation* proferida pelo professor Roger Chartier em 7 de maio de 2010 no *Colloque franco-allemand “Representation/ Darstellung”*, realizado pelo *Institut Historique Allemand* de Paris. Posteriormente traduzida e publicada como *Defesa e ilustração da noção de representação*, traduzida por André Dione Fonseca e Eduardo de Melo Salgueiro.

³ Questões devidamente levadas em conta na abordagem das teorias sobre cultura e ideologia que serão tratadas no capítulo seguinte.

respondem e se reconfiguram diante dos discursos ideológicos de poder proferidos pela sociedade.

Cabe salientar ainda que o poder e o discurso se relacionam intrinsecamente e contribuem de modo significativo para os estudos voltados à representação do indivíduo por meio da linguagem. Conforme Foucault (2009), pelo discurso proferido é que o indivíduo terá sua identidade construída e representada. Deve-se ter em mente que, como as práticas discursivas são permeadas por relações de poder, o discurso será automaticamente tomado como um dos meios mais eficazes de dominação e, conseqüentemente, tornar-se-á responsável pelas diretrizes de funcionamento da sociedade. Neste sentido, é a partir do discurso proferido, imbuído de um sistema de valores ideológicos de uma dada sociedade, que o indivíduo vitimado pelas amarras sociais passará a agir, aceitar e, conseqüentemente, desempenhar a representação lançada em sua identidade e em seu corpo. Entende-se, portanto, que através dos modelos simbólicos engendrados pelos discursos ideológico-culturais se estabelecem meios de controle e organização do comportamento do indivíduo na sociedade, os quais se refletem automaticamente em sua representação social.

Sociologicamente, a teoria da representação se interessa justamente, como ressalta Pierre Bourdieu (2007, p. 447), em compreender o modo como os indivíduos, no interior de seus grupos sociais, interpretam, constroem e representam suas experiências no mundo em que estão inseridos e, portanto, sua realidade social. Afirma Chartier (1990, p.17) que o principal objetivo da história cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, e é nestes contextos que as representações sociais se inserem.

É por meio da própria representação que são assinaladas e refletidas as relações do indivíduo com o mundo social. As representações são consideradas variáveis e determinadas pelos discursos dos grupos sociais que as instituem, nos quais relações de poder e dominação estão constantemente presentes. Nesse sentido, Chartier (2011) entende que a representação dos *modelos simbólicos* produzidos pelos discursos de poder é lançada nas identidades por meio de práticas e signos, contribuindo para o reconhecimento de uma identidade social, um *status* simbolicamente circunscrito, em grande parte institucionalizado pelos indivíduos dentro de determinado contexto social. Assim, observa-se que por intermédio da representação são promovidas divisões e hierarquizações sociais em que se percebe, legítima e reproduz uma dada realidade.

1.2 A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM FEMININA NA LITERATURA

Conforme discutido no item anterior, representar significa tornar perceptível e convencer sobre uma dada realidade representada, exibindo-lhe a presença (GINZBURG, 2001), e assim dar visibilidade ao outro (CHARTIER, 1990); mas representar pode também significar *falar em nome do outro*. Nessa linha de pensamento, Zolin (2010) assevera que o sujeito que tem garantido o direito ao discurso e que será tomado como referencial, enquanto o outro permanece silenciado, é dotado de um poder que lhe é garantido pelo lugar que ocupa no interior da sociedade, estabelecido através do julgamento de sua classe social, sua etnia, seu gênero...

Transportando-se este pensamento para o campo literário e pensando-se a condição do gênero feminino, cumpre salientar que, historicamente, antes do surgimento das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, o sujeito detentor do direito ao discurso - e, assim, do poder - era do sexo masculino, branco, de classe média alta, e as representações até então erigidas se davam unicamente por esta perspectiva social, atestando o silenciamento e invisibilidade até então reservadas ao sexo feminino.

A crítica literária feminista irrompe neste contexto justamente com o intento inicial de desestabilizar o conceito de representação (ideológica e tradicional) da mulher dentro da literatura até então produzida. A crítica literária feminista passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas.

Por esse princípio, na ficção de autoria feminina o discurso passa a ser proferido a partir de uma perspectiva feminina que ganha voz dentro de uma narrativa, representando identidades que se deslocam dos paradigmas tradicionais propostos para a mulher, a exemplo do que ocorre no romance da escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, adotado como objeto desta pesquisa.

O lugar tradicionalmente reservado à mulher na sociedade e, concomitantemente na literatura, legitimado pelo discurso hegemônico, é o do silenciamento (SPIVAK, 2010); mas com a produção literária de autoria feminina, as personagens ganharam o direito à voz, tornando-se, não raro, narradoras e, como tal, passaram a representar

experiências femininas que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina. As práticas discursivas criadas a partir da perspectiva da mulher levam consigo novas formas de avaliar os papéis dos gêneros naturalizados pelas culturas patriarcais ao longo da história. Assim, a partir da produção literária de autoria feminina, a noção de representação ganha um novo sentido, traduzido em termos de representatividade das diversidades sociais e, em especial, de identidades femininas antipatriarcalistas (ZOLIN, 2010).

Embora os primeiros textos produzidos por mulheres no Brasil se mostrem retraídos no sentido de representar e discutir as relações de gênero, reiterando os padrões dominantes, como demonstra Xavier (1999), com o passar do tempo as produções femininas foram ganhando espaço e voz na literatura e passaram a difundir a forma feminina de pertencer a uma categoria de gênero historicamente subjugada e oprimida. Do mesmo modo que sinalizam atitudes subversivas em relação a esse estado de coisas, as obras de Clarice Lispector funcionaram como um divisor de águas na história da literatura de autoria feminina brasileira, separando as práticas literárias marcadas pela reduplicação das ideologias tradicionais de gênero das práticas subversivas e/ou contestatórias.

A produção literária de autoria feminina passa a apontar, segundo Zolin (2009, p.106), tendo em vista o romance *A audácia dessa mulher*, de Ana Maria Machado (1999), para a “reescritura de trajetórias, imagens e desejos femininos” de mulheres que respondem subversivamente às ideologias conservadoras arraigadas na representação de sua imagem, produzidas tradicionalmente pela literatura canônica.

Neste sentido, a literatura de autoria feminina, por suas diversas formas de representação da realidade, tem concebido novas formas de revelar/desnudar a mulher, que permaneceu por tanto tempo silenciada na literatura e na realidade extraliterária. Destarte, a partir dessa produção literária têm sido concebidos novos padrões que encaminham no sentido de superar a distinção e separação das categorias binárias de gênero. Esses novos padrões também contribuem para a recusa da predominância de uma identidade masculina e legítima, além de trazerem à tona discussões sobre representação, identidade e diferença.

Como *Um defeito de cor* (2011) é um romance de autoria feminina e concebido por uma escritora afrodescendente, torna-se oportuno observar o espaço concedido à mulher negra na produção de literatura e na representação literária, bem como uma reflexão sobre o espaço e o número de presenças de personagens negras na literatura tradicionalmente produzida. O romance de Gonçalves (2011) contribui justamente para

a observação e análise do modo como a presença negra é representada na narrativa, até então ausente em posições de destaque na literatura canônica.

A crítica literária contemporânea tem justamente se mobilizado no sentido de mapear o campo literário brasileiro e apresentar, a partir de pesquisas realizadas, as quais serão abordadas no próximo tópico dessa dissertação, a frequência com que o negro é representado na literatura, seja como produtor, seja como personagem; reconhecer o espaço de voz a ele concedido; e abordar o modo como se dá a sua representação no interior das margens do texto literário é nosso propósito aí.

Neste sentido, ficam alguns questionamentos: como se dá a representação da mulher negra no texto literário a partir de uma perspectiva afrodescendente feminina? A protagonista do romance é representada de modo a se enquadrar nas representações costumeiramente lançadas à mulher negra? O que busca representar a mulher negra no cenário da literatura?

1.3 A IDENTIDADE FEMININA NEGRA NA LITERATURA: AUTORIA E REPRESENTAÇÃO

Embora seja consenso o fato de a literatura de autoria feminina ter conquistado espaço no universo literário brasileiro e tenha se tornado vasta a seara de escrituras disponibilizadas por “penas” femininas, o espaço reservado à mulher negra nesse cenário ainda é bem pequeno: tanto a representação de escritoras negras no mercado editorial, quanto a representação de personagens negras, especialmente as do sexo feminino, no universo literário em geral.

Observa-se que a população negra, em decorrência dos discursos ideológicos de poder de que se encontra impregnada a sociedade (em sua maioria de caráter racista), é afastada dos espaços de poder e de produção de discursos, característica que se reflete também na literatura. Regina Dalcastagnè (2008) dá destaque à questão da representação do negro na literatura brasileira, problematizando a pequena quantidade de autores/as e personagens negras nos romances publicados entre os anos de 1990 e 2004 por três grandes editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record e Rocco). Os resultados da pesquisa coordenada pela pesquisadora acerca da personagem que povoa o corpus acima referido apontam que, de um total de 165 escritores/as avaliados/as, 72,7% são homens. No que toca à questão de categorias étnico raciais, os valores obtidos são ainda mais alarmantes: do total de escritores e escritoras levantados/as na

pesquisa, 93,9% são brancos/as, sendo que 3,6% não tiveram sua cor identificada pela abordagem da pesquisa e, os “não brancos” não passaram dos 2,4% apontando para o espaço restrito reservado à autoria negra na produção literária no país.

Das personagens analisadas, 80% são brancas, e em casos mais delimitados, em que as personagens negras se apresentam como protagonistas ou como narradoras, a porcentagem é ainda mais alarmante. Quando os negros são representados, comumente aparecem em posição secundária, não ocupando o papel de protagonista, muito menos o de narrador/a, ou ainda ocupam posição subalterna, muitas vezes, estereotipada.

É tendo em vista o fato de a condição do negro ser marginalizada na literatura, que um romance como *Um defeito de cor* (2011) deve ser considerado como sendo singular, pois, além de ter sido escrito por uma mulher afrodescendente, traz para o centro da narrativa a representação da trajetória de uma personagem feminina negra, desempenhando papéis de destaque: narradora e protagonista.

No espaço literário notam-se diversos silenciamentos e invisibilidades de múltiplas perspectivas sociais, conforme constata Dalcastagne (2008). Segundo Iris Young (2000, p.136), a “perspectiva social” implica a constatação de que, posicionadas diferentemente dentro de uma sociedade, as pessoas portam experiências histórias e conhecimentos sociais diversos, oriundos desta posição. Pessoas de categorias socioculturais diferentes - como homens e mulheres, patrões e trabalhadores, brancos e negros, etc. - possuem concepções distintas de mundo e se expressam de maneiras diferentes. Por isso é importante salientar a participação de perspectivas comumente deixadas à margem do discurso tradicionalmente produzido e suscitar o reconhecimento e visibilidade de textos, por exemplo, de escritoras negras, assim como integrar na narrativa personagens femininas negras detentoras de voz, para que outras expectativas sociais sejam desveladas e assim se conheça o outro lado da margem.

O racismo, responsável pela discriminação que permeia densamente a estrutura da sociedade ao longo da história e cuja influência envolve também a literatura, é, nos termos de Ella Shohat e Robert Stam (2006, p.51), a “tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica”. Desse modo é uma opressão que se manifesta tanto material quanto simbolicamente e pode ser percebida na própria literatura, a qual escolhe os discursos que considera dignos de compor seu contexto e os toma como seu objeto (DALCASTAGNÈ, 2008). Nessa escolha, como demonstram os resultados da já referida pesquisa da pesquisadora da UNB, têm sido

ignorados, silenciados e deixados à margem os indivíduos subalternos e socialmente marginalizados.

Ser negro, segundo Young (2000), em uma sociedade racista não significa somente portar outra cor, mas principalmente portar outra perspectiva social, outra experiência de vida, em grande parte marcada por algum aviltamento. Não suficientes o silenciamento e a invisibilidade a que o negro é submetido na sociedade e na literatura, ainda são inscritos na representação deste indivíduo estereótipos engendrados em sua imagem (decorrentes de uma problemática social racista que também se legitima no campo literário quando o negro é representado) responsáveis ao mesmo tempo por hierarquizar seu posicionamento nas divisões sociais. Na criação da imagem do negro, foi-lhe atribuída uma carga simbólica negativa. Quando se trata da mulher negra a situação é ainda pior. À mulher negra foi reservado um espaço de subalternidade, responsável por minar qualquer possibilidade de exercer sua subjetividade.

No que toca à representação da mulher negra na produção literária brasileira de autoria feminina ao longo da história, percebe-se que a voz da mulher negra foi praticamente inexistente, ou quando existente, não foi devidamente reconhecida: seja por meio das vozes de suas escritoras; seja através das próprias personagens inscritas nos romances canônicos.

Sobre a questão da produção literária dos afrodescendentes afirma Eduardo de Assis Duarte:

“Desde o período colonial, o trabalho dos afrodescendentes se faz praticamente em todos os campos de atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização do livro (...). Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais com a etnicidade africana, ou com os modos e condições de existência dos afrodescendentes, em função da miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população.” (DUARTE, 2005, p. 113-114).

Nesse sentido, *Um defeito de cor* (2011) se constitui como uma importante subversão no âmbito das práticas literárias afrodescendentes e, em especial, dos paradigmas propostos pela maioria dos textos de autoria feminina no Brasil, especialmente no que tange à representação da mulher negra. Gonçalves (2011) traz para o centro da trama o sujeito antes deixado à margem da sociedade e do discurso, problematizando o modo como as ideologias, preconceitos e estereótipos lançados no negro se engendram na representação da identidade e do corpo, instigando a revisão das

regras, propondo um percurso diferente e possibilitando ao leitor uma releitura sobre a história do país a partir da perspectiva feminina afrodescendente.

Kehinde, protagonista da história, torna-se sujeito na narrativa e desempenha o importante papel de narrar a situação sociohistórica do Brasil do século XIX através dos relatos de sua própria história de vida e de um olhar extremamente subjetivo sobre o contexto do país naquela época. Gonçalves (2011) subverte a representação tradicionalmente reservada ao negro na literatura: de “pobre escravo de senzala” a sujeito subalterno que luta por seus ideais, pela conquista de seus direitos e de sua liberdade, inclusive enquanto mulher (DALCASTAGNÈ, 2008).

Diferentemente das representações inculcadas na imagem da mulher negra, pintada geralmente a partir da representação de um corpo sensualizado e convidativo ao pecado, Kehinde se mostra uma mulher bonita, forte e, acima de tudo, sábia, buscando sempre seus objetivos de forma segura e determinada, tomando suas próprias decisões e escolhendo o melhor caminho a ser percorrido na expectativa de assumir uma posição mais humanizada na sociedade. A personagem intenta fazer com que o gênero feminino, o qual lhe determina uma das identidades ou uma das facetas de sua identidade, não se constitua como um empecilho à conquista de seus ideais.

Um defeito de cor (2011) põe em xeque a representação da mulher negra na narrativa por meio de uma dissonância com o estereótipo frequentemente lançado nas representações sociais que faz da mulher negra, pobre, representante de mulheres envolvidas com a criminalidade, prostitutas, empregadas subservientes - enfim, mulheres que são silenciadas e outremizadas na sociedade.

A estratégia utilizada por Gonçalves (2011) de conceder o espaço central da narrativa a uma mulher negra e escravizada possibilita o acesso a diferentes perspectivas sociais, a da mulher, a da/o negra/o e a da/o escrava/o; além disso, contribui para o entendimento do que é ser negro e ser mulher, em um contexto social escravista e patriarcal, impregnado por discursos hegemônicos acerca da diversidade racial e de gênero, como é o do Brasil. Por essa perspectiva, como pondera Dalcastagnè (2008) a respeito das personagens femininas negras no texto literário, Kehinde desvela a realidade de seu povo. No dizer da pesquisadora (p. 102), a mulher, negra e escrava, se depara com outras trajetórias, trilha “outros chãos”, desloca-se no romance de acordo com “outros ritmos”, experienciados de modo distinto de personagens de cor branca.

Esse percurso justifica a representação não esperada na literatura tradicional para uma mulher negra marginalizada que consegue ultrapassar significativamente objeções impostas pela sociedade escravocrata e patriarcalista do século XIX, detentora

do poder de ordenação e exclusão cultural e social e encarregada pela divisão e hierarquização do espaço destinado a cada indivíduo em seu meio.

A obra apresenta, assim, o percurso de uma mulher negra que caminha na contramão das imposições e expectativas sociais a ela impostas. Rompe com os parâmetros de sua época e torna-se um exemplo de mulher lutadora, mesmo que, para se libertar dos problemas advindos de sua condição social, e conseguir um espaço na sociedade, tenha adotado atitudes e aceitado imposições culturalmente determinadas pelo homem branco, conforme se verá no próximo capítulo.

Kehinde subverte os padrões e supera as expectativas do branco em relação ao negro. Neste sentido, o modo como a trama literária se desenvolve e a representação da personagem é estabelecida nos induz a acreditar que *Um defeito de cor* (2011) quebra a expectativa do leitor que, ao buscar a representação de uma personagem escravizada nos moldes comumente encontrados na literatura, depara-se com uma personagem nova, diferenciada, que contraria os modelos estereotipados produzidos por um discurso masculino eurocêntrico.

O acesso da mulher negra ao universo da produção literária tem aberto caminhos para a problematização da histórica opressão de gênero e de raça lançada na representação de sua imagem ao longo dos anos. Certamente, a inserção da mulher de descendência negra na literatura não foi - e não tem sido - um trabalho simples, mas é por meio da literatura que a essa mulher é possibilitado projetar sua voz para a “libertação” de seu corpo e dos estigmas sociais lançados em sua imagem, além da busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

1.3.1 A representação da mulher negra na história e na literatura

Pregam diversos discursos críticos, oriundos de lugares de fala como o feminismo ou o multiculturalismo, que durante um vasto período a mulher foi tomada como objeto a ser conduzido de acordo com os desejos e necessidades do homem. Colocada sob as rédeas de um sistema ideológico patriarcalista de organização social, coube-lhe a opressão, a subjugação e a subalternidade nas relações de gênero.

Tal tessitura sustenta a teoria de Bourdieu (2002) da “dominação masculina”, decorrente de uma violência simbólica. A dominação masculina, entendida como uma formação social de visão androcêntrica embasada nos interesses da ideologia dominante, se mantém a partir de estratégias de naturalização do construído, cristalizadas ao longo da história e imposta ao corpo feminino. Por ser entendida como

uma forma particular de violência simbólica, passa a ser vista e entendida como aceitável ou até natural, justificando as palavras do filósofo ao dizer que se trata de uma “violência suave, insensível, invisível à suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2002, p. 5-6). Sendo assim, acaba por ser incorporada ao *modus vivendi* dos/as dominados/as sem que os/as mesmos/as a questionem ou mesmo a percebam.

Transportando este pensamento para o campo literário tem-se que a representação da mulher tradicionalmente obedeceu a essa mesma lógica, edificando imagens femininas submissas à histórica dominação masculina ou à “imperceptível” violência simbólica.

No âmbito da história não foi diferente: a representação vinculada às mulheres manteve-se submetida à visão androcêntrica. Segundo Losandro Tedeschi (2008, p.40), “ao abordar a história das mulheres pelas representações, busca-se trazer para o cenário os discursos de construção das identidades e da interpretação masculina do mundo. Cabe então a nós, homens e mulheres, contribuir para desnaturalizar essa história”.

Em diferentes momentos da história, diferentes formas de representação da figura feminina são permeadas de discursos que inferiorizam a mulher. Discursos assentados nas diferenças hierárquicas de gênero, historicamente construídos, mas legitimados e considerados como se fossem da seara da Natureza. Neste sentido, são esclarecedoras as palavras de Bourdieu (2002, p.107): independentemente da posição que ocupem no espaço social, “(...) as mulheres têm em comum o fato de estarem *separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo* que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem (...)”. Sendo assim, se à mulher branca cabia o silenciamento e o subjugação na sociedade, o espaço reservado à mulher negra era muito inferior.

À mulher negra não foram asseguradas as mesmas oportunidades de trabalho, ainda que precárias, e o mesmo espaço na sociedade concedido à mulher branca, igualmente precário e diminuto. No cenário do século XIX, enquanto a mulher branca enfrentava as consequências do patriarcalismo, a mulher negra, muitas vezes já forra, permanecia escravizada pelo racismo sustentado pela sociedade; ela lutava contra a discriminação advinda não apenas do fato de ser mulher, mas também contra as vicissitudes impostas pelo modo como a cor de sua pele era interpretada, tendo, assim,

que passar por um processo de opressão mais agressivo do que o enfrentado pela mulher branca.

Nessa linha de pensamento, pode-se refletir sobre as marcas que assinalaram a trajetória percorrida pela protagonista do romance tomado como objeto da nossa pesquisa e sobre as de uma leva significativa de outras mulheres inseridas no mesmo patamar social de Kehinde, não apenas no universo literário, mas também na história da construção do Brasil. Como já nos reportamos, Gonçalves (2011) representa a imagem de uma mulher negra no âmbito de uma sociedade escravista, preconceituosa, branca e patriarcal. Os discursos proferidos em relação à mulher no contexto brasileiro do século XIX eram de caráter discriminatório e de estereotípias, carregados de ideologias e de modelos simbólicos naturalizados.

Pelo processo de dominação do homem branco, com seu discurso ideológico de poder, preconceitos e estereótipos são concebidos em relação à mulher negra e traduzidos na literatura em geral, de modo a salientar o entrecruzamento de influências sofridas pelas mulheres, conforme o lugar que ocupam na sociedade. Neste sentido, ser mulher pode ser bem diferente de ser mulher negra. Embora ambas sejam discriminadas no eixo do gênero, mulheres brancas e negras ocupam espaços sociais diferentes: de um lado estão as mulheres brancas, desempenhando o papel de esposas e mães; do outro, as negras, desempenhando funções subalternas, não raro atreladas à objetificação sexual - no caso das escravas, a serviço dos desejos carniais de seus donos.

Tal atributo comprova o clichê lançado na representação da mulher negra como dotada de um corpo extremamente sensualizado, dona de uma sexualidade tentadora, ferosa - portanto, responsável por estimular e justificar a lascividade dos homens com os quais ela convive. Assim, cenas como o estupro de uma garota de treze anos por seu dono, ou a cena da escrava que teve seus olhos arrancados por sua senhora e colocados em um pote de conservas, como reprimenda à relação mantida com seu senhor, não eram tidas como atos criminosos. Além de ser propriedade particular, o corpo da mulher negra por si só justificava os abusos sexuais e as violências recebidas, fundamentadas na concepção de que era pelo corpo de pele escura que tentações eram despertadas nos homens “de bom comportamento” na sociedade.

As referências apresentadas sustentam a sensação de castração, invisibilidade, silenciamento e imposição cultural experimentada na sociedade pela mulher negra, à qual desde cedo era imposta a linguagem de repressão, dominação e violência. Sendo assim, cumpre as diversas instâncias de sua objetificação: a do homem branco, detentor da voz e do poder na sociedade; a da mulher branca, que, mesmo vítima do sexismo,

ocupava uma posição culturalmente superior em relação à mulher negra; e ainda do homem negro, que, embora compartilhasse com ela o mesmo “espaço” de exclusão imposto pela escravidão, no interior do espaço marginal sobrepunha a sua virilidade à clássica condição feminina.

O romance de Gonçalves (2011), neste sentido, expõe representações e vozes que até então eram deixadas à margem, desvelando a identidade da mulher negra e colaborando para a reescrita da história das mulheres no Brasil. A mulher nativa africana foi tão violada quanto sua terra e obrigada a enfrentar essa “violência” que lhe circunscreve limites sociais e a acorrenta a estereótipos.

Gonçalves (2011) compõe uma narrativa de modo a construir uma representação feminina que busca transpor os estereótipos negativos e privações lançados ao negro, trazendo a representação de mulheres negras que se diferenciam fortemente dos estereótipos esperados para uma negra escravizada no contexto do século XIX no Brasil. Assim, o romance desvela um conflito entre o *sujeito*, o *outro*, a sociedade e a cultura, no intento de remodelar a visão sobre o passado do Brasil, bem como a representação da mulher negra no que tange à sua identidade e corporalidade. Por esta perspectiva torna-se possível observar a inserção experimentada pela mulher negra na história, na busca constante pela reinvenção de sua própria identidade e domínio de seu corpo, além da expansão que opera no universo literário, alargando-lhe os horizontes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Trad. Em português: *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: FALEUFMG, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira*. Nove Reflexões sobre a Distância. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. – 7 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

MACHADO, Ana Maria. *A audácia dessa mulher*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

REIS, Roberto. Canôn. In: JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. de Marcos Soares. São Paulo: Cosacnaify, 2006.

SPIVAK, Chakravorty Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das Mulheres e as Representações do Feminino*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*. Revista Mulheres e Literatura, Rio de Janeiro, ano 3, vol.1, 1999. Disponível em: << http://www.litcult.net/revistamulheres_vol3.php?id=225>> Acesso em: jul. 2013.

YOUNG, Iris Marion. *Inclusion and democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. *O matador, de Patrícia Melo: gênero e representação*. Revista Letras, Curitiba, n.71, p. 53-63, jan./abr.2007. Editora UFPR.

ZOLIN, Lúcia Osana. *A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade*. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Literatura de Autoria Feminina*. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária*. 3 ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade*. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010